

O que falta para a recuperação

Fiesp diz que o mercado interno não foi beneficiado pelas exportações

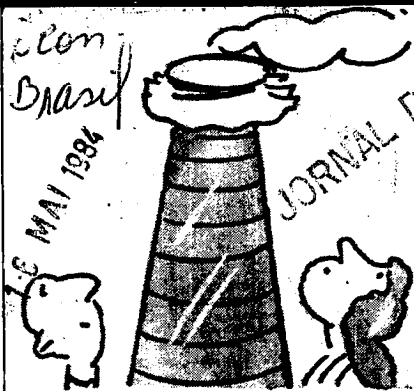
O INA (Indicador de Nível de Atividade) da indústria paulista apresentou um crescimento da ordem de 2,5% neste primeiro trimestre. As vendas reais da indústria também cresceram 1,1%, no mesmo período, mas a massa real de salários decresceu 13,5%. Isso indica que nem os trabalhadores, nem o mercado interno ainda puderam tirar proveito da reativação provocada, basicamente — segundo Eugênio Staub, do Conselho Superior de Economia da Fiesp — pelas exportações de manufaturados que cresceram 41% nesses três primeiros meses sobre igual período em 1983.

O desempenho do INA, embora positivo, esteve abaixo do esperado. No entanto, ele está sendo considerado “confiável”, segundo Staub, por dois fatos: primeiro porque o Carnaval (que, entre outras coisas, reduz os dias úteis do mês) caiu em março neste ano e em fevereiro em 1983. Isso também compensou a retração nas vendas de fevereiro do ano passado, causadas pela expectativa de uma máxi, (que acabou vindo). Depois da máxi as vendas concentraram-se num curto espaço de tempo.

Segundo Staub, o fato de as vendas reais apresentarem um dado positivo (o único nos últimos quatro anos considerando os trimestres anteriores — 1981/1980, -3,4%; 1982/1981, -3,0% e 1983/1982, -5,1%), significa que “devemos ter chegado ao fundo do poço da recessão e que está havendo uma recuperação, ainda que lenta”. Para ele, o INA do trimestre também é o melhor desde 1980, quando começou a recessão.

Eugênio Staub recorreu aos dados do Departamento de Estatística da Fiesp que, anteontem, divulgou um índice positivo de 0,91% de crescimento no nível de emprego da indústria no primeiro trimestre, para demonstrar que os dados gerais estão batendo. “Inclusive — disse Staub — porque o nível de emprego serve como um farol avançado dos nossos indicadores.” Por outro lado, tanto as horas trabalhadas na produção, como pessoal ocupado na produção e massa real de salários, além do próprio salário real continuaram com índices negativos, ainda que atenuados.

Isso quer dizer que as horas trabalhadas na produção tiveram um desempenho negativo de -2,6% neste trimestre, contra igual período em 1983, sendo que no primeiro trimestre de 1981 foi de -4,2%; em 1982 de -13,8% e -7,6% em 1983. O índice de pessoal ocupado na produção neste trimestre foi de -5,3%,



contra -5,2% no primeiro trimestre de 1983 sobre 1982; ou -10,3% no primeiro trimestre de 1982 sobre o de 1981. Outro fato é que os salários reais líquidos, “reduzidos pela política salarial e pela nova tabela de retenção do IR na fonte”, conforme Eugênio Staub, mostram que o mercado interno não sentiu os reflexos desse crescimento.

O crescimento de 2,5% do INA também não atingiu a massa real de salários, que caiu -13,5% neste trimestre (contra -3,4% no primeiro trimestre de 1983 contra 1982), nem o salário real médio com queda de -3,7% neste trimestre (+1,8% no primeiro trimestre de 1983, contra índice igual em 1982). Isso faz supor, disse Staub, que a produtividade aumentou, neste ano, mais que as novas vagas abertas pela indústria no período e “que realmente o povo está mais pobre”.

Eugênio Staub reafirmou que o desempenho da indústria está visceralmente ligado ao desempenho das exportações (elas representam 23% do produto da indústria de transformação, a nível nacional, neste primeiro trimestre) e que esse fato está compensando, ou atenuando, o baixíssimo nível da demanda interna. No entanto, ele acredita que aos poucos as exportações — gerando mais empregos — poderão trazer reflexos positivos no mercado interno, mas pouco significativos “em função da própria política salarial”.

— Todos se perguntam no Brasil se essa recuperação é sólida e veio para valer — antecipou-se o integrante do CSE da Fiesp e respondeu, em seguida: “A nossa resposta mais honesta é que os dados indicam, ainda que com cautela, que deverá haver continuidade desse desempenho, porque ele se alicerça nas exportações e porque temos indicações de curtíssimo prazo do Decad (nível de emprego semanal) que mostra recuperação nos empregos”.

Borracha

De qualquer forma, essa reativação industrial acabou por provocar problemas no abastecimento interno da borracha natural, o que está levando a Sudhevea — Superintendência da Borracha — a comercializar parte do estoque de reserva do País. Esse estoque, normalmente oscilando em torno de seis mil toneladas, está abaixo do nível de 1977 e hoje soma cerca de 4,2 mil toneladas.

Além do aumento do consumo pela maior produção de manufaturados (de janeiro a abril foram consumidas 20 mil toneladas, cinco mil a mais do que a previsão), entre os quais autopeças, os usineiros de borracha estão com problemas para obter financiamento e enfrentam enchentes nas proximidades de seringaais nativos. Com isso, a meta de produção de borracha natural para o ano, prevista para 40 mil toneladas, foi redimensionada para 35 mil toneladas. Essas informações são do presidente do Sindicato da Indústria de Artefatos de Borracha (Sindibor), Daniel Sahagoff.

“O crescimento do desempenho da atividade industrial brasileira tende a manter-se por todo este ano, mas de maneira modesta, como aconteceu no primeiro trimestre, a não ser que também seja reativado o mercado interno, a exemplo do que ocorreu com o de exportações.” A previsão é do diretor do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Paulo Francini, que esteve ontem em Porto Alegre. Ele acentuou que, para a retomada do mercado interno, é preciso diminuir a recessão, “porque assim serão gerados novos empregos, mais salários e por consequência maior consumo”.

“A retomada do crescimento econômico requer, necessariamente, mudanças em alguns parâmetros que norteiam as relações comerciais e financeiras, hoje prevalentes no cenário internacional. Internamente, ao sistema nacional de bancos de desenvolvimento caberá, forçosamente, desempenhar importante papel nessa etapa de retomada do desenvolvimento.” A declaração é do presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Jorge Lins Freire, ao discursar ontem durante a Reunião da Alide, em Fortaleza.

Muitos problemas não são simples. Mas alguns são mais fáceis de engolir com chá de flor de camomila.

